ANO 4.º — Sexta-feira, 26 de Janeiro de 1912 — NUMERO 205

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Ao dr. Rodrigo Rodrigues

25--1--1911 25--1--1912

O *Democrata* vem alegremente consagrar algumas das suas colunas ao cidadão que tomou sobre os seus hombros, numa época dificil e ardua, a pesáda empreza de ser governador dêste distrito.

A breve trecho, depois de implantada a Republica, nêsses dias heroicos, de horas vivídas á pressa, na impaciencia e na esperança, experimentára o governo provisorio dois chefes administrativos em Aveiro.

O primeiro, eleito pela voz do povo, depois de designado por Malva do Valle na sala dos Paços Municipais, o sr. Albano Coutinho, e o segundo, o sr. Weiss de Oliveira, que aqui apareceu acompanhado por Magalhães Lima, Machado dos Santos e Antonio Maria da Silva.

Por circumstancias, que não me pertence explicar, ambos se demoraram pouco e não venceram a corrente de desfavor que os cercou.

A opinião tem exigencias e caprichos. Num periodo revolucionário embate das irritações, das intrigas fatais, das imposições justas e por vezes violentas, torna amarga a detenção do poder.

Por despacho de 24 de janeiro de 1911 foi nomeado governador civil desta circunscrição o dr. Rodrigo Rodrigues e no dia seguinte tomava posse do logar, traçando o seu programa de rasgado espirito democratico, orientado pela honra e pela justiça.

Era um desconhecido completo na cidade e no distrito. Apenas um homem de Eirol, homem muito bom, cavalheiro apreciabilissimo pelas suas primorosas qualidades e pelo seu republicanismo, o dr. Manuel Rodrigues da Cruz, medico, militar, servia de caução para garantir-nos que o nomeado saberia pela sua lealdadde, pelo seu porte irrepreensivel, pelas suas qualidades de espirito e coração, preencher as funções com muita assiduidade, muito zêlo, muita inteligencia, muito pondunor e muito civismo.

Isto mandáva, como os acontecimentos provāram, muita prudencia conjugada com muita energia, muita bondade, muita imparcialidade, sem uma só trepidação de animo, de modo que os interesses particulares não sofressem, mas colocando sempre mais alto e em primeiro logar os interesses da defêsa da Republica.

Foi este papel que o dr. Rodrigo José Rodrigues se propôs desempenhar, e de facto desempenhou, com muita isenção e brilho nêste distrito.

Trabalhando indefétivelmente, ouvindo todos e todos atendendo com bonhomia, com sinceridade, com lealdade, esforçou-se por dar boa conta das suas complexas obrigações.

Foi um magistrado, foi um funcionario zeloso, foi um propagandista.

Ordem, *Trabalho*, *Progresso*, é o lema de regimen

Visou á manutenção da ordem, aconselhou o trabalho assiduo pelo exemplo e provou na palestra, em circulares e em comicios que a independencia da Patria dependia do seu progresso e que este se conquistava pela disciplina social, pela quietação, pelos laços da fraternidade e pelo ardor, convicção e virtudes dos patriotas bem intencionados.

Em obediencia ao plano que traçára, sem vãos temôres, nem timbieza, ordenou a 23 de fevereiro de 1911 a suspensão do jornal—*A Justiça*—que se publicava em Aveiro, e a dissolução do Centro Democratico, porque as solicitações dos republicanos locais lhe chamaram a sua atenção para essas manifestações sistemáticas de veleidades monárquicas, disfarçadas em reclamações da mais avançada democracia.

Ordenou uma sindicancia aos actos das camaras transátas do municipio de Aveiro; deu incremento ao museu municipal désta cidade; assistiu com desinteresse á primeira eleição dos deputados; esforçou-se por colocar á frente dos municipios e das paróquias, homens de passado limpo e com competencia para não levantarem atritos e poderem resolver legalmente os negocios correntes; visitou o distrito a fim de tomar conhecimento das suas necessidades mais urgentes. A 5 de março foi a Ilhavo, a 12 foi a Agueda, a 19 foi a Ovar, a 9 de abril foi a Angeja e Albergaria, a 20 recebeu nésta cidade o dr. Eusebio Leão e com êle visitou, nêsse dia, o concelho da Mealhada.

A 14 de maio foi á Vila da Feira, e a 3 de setembro foi assistir á inauguração das lanchas a vapor, na Torreira.

Um caso grave se deu de 5 para 6 de maio, em Vagos.

Contra a casa do administrador do concelho de Vagos, dr. Carlos Rocha, foi aposta uma bomba de dinamite. A's suas providencias imediatas se deve a descoberta dos criminosos.

Em todas as capitaes do concelho, que visitou, falou sempre com grande elevação, captando adesões e fundada estima.

A 22 de abril do ano passado fez-se aqui uma ruidosa manifestação, por causa da Lei de Separação do Estado e das Egrejas. A 16 de maio comemorou-se, no salão do Teatro, a revolta liberal de Aveiro de 1828. Em ambas as ocasiões a sua vóz prestou o seu concurso de sinceridade, lhaneza, e de republicanismo convicto.

A 15 de junho realisou-se um comicio, tambem no Teatro Aveirense, em que se pugnou pela conservação de infanteria 24 nésta cidade, e pela elevação do liceu a central, e o dr. Rodrigo Rodrigues desvelou-se porque estas duas requisições locais fossem atendidas nas estações superiores.

Não vacilou em mandar detêr suspeitos conspiradores, que instantemente lhe eram denunciados pelos elementos de vigilancia civica.

As suas medidas eram sempre rapidas, e conduzidas com o maior segredo e criterio.

Quando em agosto ultimo as hostes de Paiva Couceiro penetrāram na fronteira de Bragança e se dirigiram a Chaves, foi ainda o dr. Rodrigo Rodrigues que lembrou ao Ex.mo Ministro do Fomento, dr. Sidonio Paes, a conveniencia de enviar para aquéla região o batalhão de infanteria 24, sob o comando do distinto oficial, major José Domingues Peres.

Da fórma porque este batalhão se houve resam os louvores oficiaes, e Aveiro teve motivo de orgulhar-se, mais uma vez, da sua guarnição militar, tão casada com os sentimentos republicanos désta laboriosa povoação.

* * *

Por decreto de 20 de setembro ultimo foi o dr. Rodrigo Rodrigues nomeado governador civil do Porto e logo a 29 houve uma tentativa de revolta monarquica.

Está na lembrança de todos o modo energico, discreto e acertado, como o nosso amigo procedeu para evitar que viésse á luz do dia essa conspiração tenebrosa e sangrenta.

A 12 de novembro caíu o ministerio presidido por João Chagas e pela força das circunstancias o dr. Rodrigo Rodrigues houve que pedir a sua exoneração, retirando para o berço natal, Celorico de Basto, aonde o fôram procurar agora para suceder a Alfredo de Magalhães como director da Penitenciaria de Lisbôa.

* * *

O poeta Baggesen fez da Vertigem uma divindade, e já houve um antigo que edificou um templo ao Deus das Tempestades. Nadā ha mais inconstante do que a popularidade.

Sabem-no de experiencia propria alguns dos vultos mais eminentes do partido republicano português.

O dr. Rodrigo Rodrigues segue com tranquilidade o seu caminho.

O que nós sabêmos e afirmamos é que êle deixou muitas e justificadas simpatías em Aveiro.

Melo Freitas.

Dr. RODRIGO JOSÉ RODRIGUES

Ex-governador civil de Aveiro e do Porto e actual director da Penitenciária de Lisboa

Recordando

Um numero d'*O Democrata* consagrádo ao dr. Rodrigo Rodrigues!

Ora aí está um bonito pensamento, uma cousa linda, que a êle de forma alguma envaidecerá, porque não é suscétivel de desvanecimentos, e a nós, que sômos seus amigos, muito nos déve lisongiar.

Ao Arnaldo Ribeiro riam-se-lhe os olhos numa grande satisfação intima. Via-se bem que o primeiro a sentir-se lisongiado era êle pela felís lembrança que tivéra. E não lhe ficáva mal essa pontinha de vaidade.

Foi numa das ultimas tardesda semana passada, quando, na volta do quartel novo dos azilos, vinhamos, eu e o Costa Cabral, descendo a rua Direita, onde são as oficinas de composição do jornal, que êle me atirou a noticia de surprêsa, á queima-roupa, para gosar do seu melhor efeito.

E recordou-me que fazia um ano que o dr. Rodrigo Rodrigues assumira o govêrno do distrito, impondo-se desde logo pela sua e, aliás nunca desmentida e desafrontada atitude, ao mesmo tempo cheia de masculas energias e de prudente ponderação.

Francamente o digo: lá se fazia um ano, não tinha dado por isso. No mais estáva certo e em dia.

Impondo-se desde logo, co-

mo depois, como sempre, pela sua legitima competencia. Exato.

Um ano, pois! Eis com efeito uma data a comemorar.

Mas que pássem os anos, deixál-o! Passem muitos, muitos. Quem o conhece na intimidade, e na intimidade, se póde dizer, o conhecem todos, porque é uma alma aberta, sem rebuços; com quem êle se encontrou em determinados lances da sua vida oficial, num periodo ainda tumultuário, não poderá esquecêl o nunca.

Espirito superiormente culto, despretencioso e bom, o dr. Rodrigo José Rodrigues é dêsses privilegiádos—e aqui está um dos privilegios que ficáram com a Republica—que tem o condão de só deixar amigos por onde pássa.

Ha quem queira afirmar que tal condão não é privilegio nenhum, porque reside em todos os homens de bem ás direitas. Pois seja assim; não serei eu quem o contéste. Mas do que não póde restar duvida, é que é uma homenagem justissima, a do *Democrata*.

—Pois bem, diz-me o Arnaldo; que me associaría a éla.

—Do coração, meu amigo. E do coração aqui venho.

Envio um abraço ao dr. Rodrigo Rodrigues, um grande abraço. Cada um dá o que póde.

José Peres
Major de infanteria 24.

O EX-GOVERNADOR CIVIL

«... *Em seguida, pelo cidadão, vogal efétivo, André dos Reis, foi dito que constando-lhe ser esta a ultima sessão a que preside o meretissimo Governador Civil dêste distrito, dr. Rodrigo Rodrigues, e atendendo á lialdade e honradês com que sempre dirigiu os trabalhos désta Comissão, propunha que na acta da presente sessão se consignasse um voto de profunda simpatia para com tam integro magistrado, prestando-se-lhe assim uma homenagem que o seu caráter merece e a todos impõe, sendo esta proposta aprovada por unanimidade.*

(Acta da Comissão Distrital de 2 de Setembro de 1911.)»

Alma cheia de sinceridade e de verdade, inteligência lúcida acalentada pelos modernos ideais, caráter austéro e enérgico, servido por um coração amoravel—eis os predicádos e raras virtudes que reconheço na pessoa do Cidadão ilustre a quem *O Democrata* présta hoje merecida homenagem.

Alguma coisa lidei, de perto, com éle, durante a sua estáda em Aveiro, e, por isso, posso avaliar bem de seus méritos.

O seu amôr á Justiça é inexcedivel, inquebrantavel, comquanto houvésse eliminado da circulação um periódico que p'rái se publicou, em tempo, com tal nome; as classes desvalídas têm nêle um propugnador desinteressádo e ninguem se lhe avantája no respeito que consâgra á Lei e aos Direitos do cidadão.

Falho absolutamente de qualidades de *politiqueiro*—e por tal só tem jus a louvôres—expondo sempre com isenção o seu parecer a *grandes* e *pequenos*, o dr. Rodrigo Rodrigues é um soldado convicto da Republica, defensor estrénuo da Democracía, capaz de lhe sacrificar a vida, como já lhe tem imoládo o seu bem estar e o da propria familia.

Das várias ocasiões em que o ouvi, quer nos seus discursos espontnâeos e eloquêntes, quer das suas conversas comigo, ambos a sós, ali no Governo Civil, ou a quando das sessões da Comissão Distrital, a que sempre presidiu com hombridade e independência, formei a convicção de que o dr. Rodrigues não seguindo realmênte homens, mas princípios, é partidário da socialisação da riquesa.

Creio não me enganar ácêrca do juizo que faço a respeito dêste prestante e honrado funcionario da Republica.

Deixando em Aveiro, ao partir, um incontável número de amigos entre os velhos republicanos dêste districto, Rodrigo Rodrigues, não duvidâmos afirmá-lo, poderá vêr inscritos no livro de seus admiradôres nomes de algumas individualidades que ainda se não conformáram inteiramente com as novas instituições politicas.

E' que um homem honesto impõe-se-nos sempre, embora milite em campo politico diametralmente oposto áquêle onde tivermos assentado praça e jurado a nossa fé.

Eis o que, relativamente ao cidadão homenageado, diz, perfuntoriamente, outro homem que sendo fácil em atacar, cára a cára e só assim, quem de tal julgue digno, é, todavía, por temperamento e feitio, avêsso, regra geral, a render a outrem, frente a frente, elogíos, posto que justos, ou proferir palavras laudatorias com referencia a quem quer que seja, na sua ausencia, quando vislumbra que, dentro em pouco, essas homenagens ou alusões possam ser conhecidas de aquêles a quem são tributádas.

A nossa proposta na Comissão Distrital e a nossa colaboração de hoje nêste número em honra do dr. Rodrigo José Rodrigues, constituem uma excéção aos preceitos da nossa normal conduta, simplesmente porque o dr. Rodrigues é tambem excécionalmente merecedôr disso.

Tem o direito de saber como o considéram os republicanos de Aveiro.

André dos Reis.
Advogado

IMPRESSÕES

Das outras vezes corréto no seu traje de passeio, com um *aplomb* de intransigencia em que alguns pretendem vêr, aqui ou acolá, uns tons que carécem de esfuminho, e trauteando constantemente sonorosos estribilhos zombeteiros, désta vez *O Democrata* traja de gala, perfilado e gràve. Vem de sobrecasaca e chapéu alto, traz badine e luvas brancas; e, todo ancho, mas a dentro da mesma linha de inflexibilidade que de sempre se impôs, toma o ar das ocasiões solénes pondo de banda o seu peculiar sorriso de ironía cortante, e declara-se em festa ceremoniosa.

O Democrata declara-se hoje em homenagem ao prestimoso cidadão, dr. Rodrigo Rodrigues, que em egual dia e mez do ano pretérito assumiu a chefía do distrito de Aveiro.

Bem haja *O Democrata!*

Todos os meus louvôres para o seu gésto, toda a minha simpatía para o homenageádo.

Nésta sociedade, ainda sob a tenebrosa pressão de velhos e deleterios costumes posto que na posse de magnificos predicados para se integrar na empolgante civilisação moderna, para cujo aperfeiçoamento tanto de alma procuro contribuir, todo eu vibro, todo eu me sinto acariciado por uma béla esperança a materialisar-se, quando presinto alguem que se aproxima ou tenta aproximar-se daquéla perfétibilidade viavel, que não é uma utopia, que não é uma ilusão dos sentidos: daquéla perfétibilidade que a todos é dado vêr, que todos podêmos apreciar e admirar sem a lanterna magica da nossa imaginação.

Assim é que, quasi insensivelmente, alheio a todo o calculo menosprezivel, toda a minha franca simpatía vai para esse alguem, todos os meus espontaneos louvores vão para quem lhe presta homenagem, mórmente porque essa homenagem, longe de ter o significádo duma subserviencia tôrpe, traduz o estimulo que avigóra, o incentivo que frutifica. Nem outro sería o pensamento do *Democrata*, nem diversa póde ter sido a intenção dos que, colaborando nêle, lhe dão brilho ao traje de gala.

Assim é que eu, perfeitamente conhecedor da interessante e peregrina formula politica, porventura da lavra de Dias Ferreira, que preconisava aos seus coêvos e, quiçá, aos vindouros a vantagem de não dizerem hoje dum homem coisas tão bôas que ámanhã as não pudéssem dizer más, nem as dizerem tão más que ámanhã se envergonhassem de lhe apertar a mão, assim é que eu, vinha dizendo, de costas voltadas para essa fórmula atentatoria da verdade e do respeito que cada democrata deve a si proprio, abertamente e sem tergiversações de qualquer especie me associo á justa homenagem ao dr. Rodrigo Rodrigues.

Observei nêle o democrata e o funcionario, e êm qualquer déssas suas modalidades eu vi sempre o bom e integro patriota.

Acima de tudo, para êle, os interesses da Patria e da Republica, sem afectações e sem gongorismos. Nunca o vi conhecer amigos que não fôssem os dedicados amigos do bem do país; nunca o vi atender pedidos que não desenhassem a méra lembrança dum acto de justiça a cumprir.

De austeridade e isenção raras, insinuante e observador, inflexivel no seu modo de sêr de democrata intransigente, de energia rasgada, com faculdades de inteligencia e de trabalho apreciaveis em qualquer parte, o dr. Rodrigo Rodrigues nenhuma déssas qualidades poupou ou escondeu no exercicio das suas complexas atribuições nêste distrito de Aveiro onde prestou á Republica bem relevantes serviços.

Nenhuma déssas qualidades poupou, antes as empregou sempre inteligente e oportunamente, não só aqui, nêste distrito, onde todos os homens honestos o prézam e admiram, mas tambem no distrito do Porto onde o seu nome ficou ligádo para sempre a um dos mais importantes factos da historia da actualidade.

E' nêste momento director da Penitenciaria de Lisboa o dr. Rodrigo Rodrigues; não me surpreenderá ámanhã a noticia de que foi chamado a sobraçar uma pasta da governação.

Ainda aí mesmo estará em logar que as suas altas qualidades saberão honrar.

....

Bem andou *O Democrata* em engalanar-se no dia de hoje; bem andou. Sómente melhor fôra que se não tivésse lembrado de mim; o traje de gala não teria esta sugidura...

Aveiro, 25—I—912.

Beja da Silva.

CARTA

Amigo e correligionario A. Ribeiro

Convidou-me V. a escrever para o numero do Democrata, *consagrádo ao cidadão dr. Rodrigo Rodrigues.*

A verdade e a justiça não precisam de pregoeiro.

Hoje ou ámanhã, a historia escalpelisando homens e actos, revéla-nos os seus caratéres e intenções.

No entanto, louvo a iniciativa. E' um acto que parecendo banal á primeira vista, tem uma alta significação civica.

E' um éco vibrante da verdade, a apagar os sons lugobremente dubeis e cobardes, de aquêles, que, sem imputação moral, miseravelmente difamam o regimen e os seus bons defensores.

E' tambem, meu amigo, para enfrear um pouco aquêles que num desvairamento furioso estão representando um papel bem pouco dignificador.

Finalmente, meu amigo, eu que sou intransigentemente republicano, sem faciosismo algum partidario, e anti-personalista enragé; não posso mais do que reenviar ao dr. Rodrigo, o abraço de despedida dado na estação do caminho de ferro, ao saír de este distrito, certo de que nêsse abraço vai a minha homenagem por quem tão inteligentemente e com tanta convicção sérve a nossa querida Republica.

Aveiro, 20—1—912.

Seu amigo e correligionario
Tenente **C. A. Costa Cabral.**

O dr. Rodrigues

Como é que este ilustre cidadão veio de Lisboa para Aveiro como Governador Civil, e daqui foi, por distinção e urgica necessidade, para o Porto, com o mesmo encargo, cativando, nêstas localidades, inumeras simpatias, e prestando, num curto lapso de tempo, valiosos e relevantes serviços á Republica? Como é que este ilustre cidadão, vinhamos dizendo, que não era politico, veio para a politica, e, sem fazer politica, produziu uma politica explendida? E' que a sua integridade de carater, as suas arreigadas convicções democraticas, a sua analise profunda, mas rapida, pelo seu saber, das cousas e das pessoas, a sua comprovadissima modestia, as suas bonissimas qualidades afétivas, o seu trato lhano, mas tão delicado, tão atraente... tudo, emfim, que concorre naquêle grande democrata, fizéram com que o dr. Rodrigo José Rodrigues, entrando em Aveiro apenas acompanhado da sua bagagem, aliás vastissima, de tão apreciaveis quão raras qualidades,—qual délas a melhor—cativasse de pronto esta população. O integro magistrado teve o condão, hoje raro, de:—chegar, vêr, e vencer! E nós tivêmos a honra de conhecer um cavalheiro probo e honesto, um verdadeiro homem de bem, e de nos ser dado um governador que, além da perfeita imparcialidade e justiça com que sempre tratou de assuntos do seu cargo, jámais deixou de pugnar com muita atenção e até certo carinho, pelos interesses de Aveiro e todo o distrito. Foi por isso tudo que sua ex.ª viu aqui, desde principio, um amigo em cada verdadeiro republicano.

Sua ex.ª, para conhecer o meio, têve de joeirar a tão mesclada sociedade local, daquéle tempo, e arredar déla, com o bico da bota, o que era,—e ainda é,—réles e inutil, e seguir pela estrada que então ficou limpa, onde depois encontrou só espontaneas e sincéras dedicações, as quais não só se manifestáram bem ruidosa e repetidamente emquanto sua ex.ª aqui se conservou, como mesmo depois de sua ex.ª,—com bem pezar nosso—ir tomar conta do distrito do Porto.

* * *

Ao ser distribuido o presente numero de *O Democrata*, faz um ano que o dr. Rodrigues entrou em Aveiro. Nós que tambem tivêmos a subida honra de travar relações com sua ex.ª, podêmos asseverar que, de entre os poucos homens de eleição que temos conhecido no nosso meio seculo de atribulada existencia, o dr. Rodrigo José Rodrigues é um dos mais perfeitos, dos mais integros carateres. Por isso anuimos ao convite para tambem cumprimentar hoje, nêste semanario, tão ilustre cidadão, a quem novamente prestâmos a nossa homenagem... na meia duzia de verdades que ahi ficam.

A. C.

Um cidadão republicano

Definiu a Lei Organica do partido republicano português, o glorioso partido historico que fez irromper a aurora de 5 de Outubro, logo em seu primeiro artigo o que era o cidadão republicano.

Singélamente, aquêle que, professando ideias republicanas, subordináva os seus actos a esses mesmos principios.

Esta maxima, tão simples e tão racional, resume em si todo o programa dos que esperávam a Republica apenas como a fórma de governo libertadôra de um povo, dominado pelo despotismo monarquico e pela intolerancia clerical e não como uma ambição pessoal em que a ancia do mando e a ambição do poder se manifestáram logo após a Revolução gloriosa.

Tristemente, nós temos assistido a muitos factos que vêm demonstrar que não é republicano quem quer, mas sim quem o sabe ser, sacrificando-se e sacrificando as suas aspirações ao bem estar colétivo com esse espirito de abnegação e sacrificio, que é norma em prosélitos de uma nobre ideia.

A não ser assim, mais valeria, certamente, não ter trabalhado para a quéda de um regimen que nos oprimia, mas ao menos nos deixáva na pura idealisação de uma Republica feita de todas as virtudes civicas que pódem tornar grandioso um povo, sem a mesquinhês dos homens a profanal-a.

Com mágua profunda estas palavras nos acódem, mas no momento em que vêmos muitos de aquêles que nos habituámos a amar pelas suas ideias, a consagrar pelos seus actos, no tempo em que a Republica era ainda apenas uma aspiração longinqua, renegarem essas mesmas ideias e fazerem-nos descer da sinceridade das suas acções, a verdade deve ser dita e proclamada bem alto, para que nos não tornêmos cumplices passivos de esses homens que tanto desceram na devoção do nosso culto e na admiração dos nossos sentimentos.

Não são as nossas ideias a manifestação de um sectarismo partidario, porque, como hontem, hoje sômos apenas **republicano**, sem adjetivo que lhe ponha a chancela de um partido politico e, como antigamente, ainda estâmos á espera déssa Republica sonhada nos tempos da opressão monarquica.

Não se esquecem facilmente vinte anos de lucta travada dia a dia, contra o scepticismo dos que nos chamavam idealista, contra a ignorancia dos que nos chamavam doido, contra a má vontade, hostilidade mesmo, dos que sentiam a justiça da nossa revolta, admirando talvez, no intimo da sua consciencia, a franquêsa da nossa intransigente rebeldía.

Mas a que proposito vem estas melancholicas reflexões?

Foi o nome de Rodrigo Rodrigues que as sugeriu e a recordação do convivio espiritual que com éle tivémos no tempo em que, cheios de dôces ilusões ainda, tomou posse do Governo Civil de Aveiro.

Recordávamos os tempos do Porto, a época agitada do *Ultimatum* inglês, a jornada, de gloriosa memoria, do 31 de Janeiro, a geração revolucionaria de 90, que com tão poucas defecções, se espalhou pela provincia, levando o crédo dum ideal novo ás populações rudes dos campos e ao povo desiludido das vilas e aldeias, preparando o terreno para a transformação social que pareceu iniciar-se em 5 de Outubro.

Rodrigo Rodrigues, tinha a grande virtude de ser republicano, na rigorosa acéção da palavra, com prefeita coerencia entre as suas idéas e os seus actos e tanto bastou para que, num distrito onde o caciquismo imperáva, éle conquistar as simpatías dos bons republicanos e o respeito dos partidários do banido regimen, que viam nêle a encarnação do ideal republicano, austéro, inflexivel e digno, procurando convencer, pelas acções mais do que pelas palavras, de que, finalmente, soára a hora em que justiça era feita a todos sem distinção de classes ou de partidos.

O segredo déssa aureola de simpatía com que deixou o distrito de Aveiro, foi apenas este:—soube ser um bom cidadão republicano—e oxalá que todos aquêles que mais tarde viéram a ser os seus detrátôres o imitássem, não ambicionando o poder simplesmente pela vangloria de mandar, mas sim com o fim de ser util aos seus concidadãos e á Patria.

Samuel Maia.
Medico

DE LISBOA

Em 24—1—1912.

Meu caro Arnaldo

Poucas vezes eu me tenho sentido tam honrado com um pedido de colaboração numa homenagem a um homem do nosso tempo, como agora, que V. me manifesta o desejo de me contar no numero daquêles que no Democrata *veem dizer palavras justas sobre o dr. Rodrigo Rodrigues.*

Sou, pelo meu feitio, refratario a essas consagrações, e repetidas vezes tenho alijado o papel de panegirista de vivos, em preitos identicos da imprensa ou da tribuna.

Depois eu não sei fazer bons elogios de pessoas. Sei apenas apreciar actos, obras, condutas.

Mas precisamente por isso é que eu acêdo gostosamente ao seu convite, pois a conduta e os actos do dr. Rodrigo Rodrigues, desde que ha um ano, numa situação excécional, tomou conta do govêrno civil de Aveiro, data em que o conheci, mereceu-me todos os louvôres.

A sua acção no govêrno do nosso distrito foi moralisadôra, imparcial, digna e fecunda!

Foi uma obra republicana, fazendo, sem transigencias vergonhosas, uma politica nacional, dando a todos a consideração devida aos seus merecimentos e á sua posição, sem inquirir de suas crenças politicas nem das suas afinidades pessoais. Despido das tôrpes ipocrisías da famosa e hoje desacreditada politica de atração, *o dr. Rodrigo Rodrigues trabalhou leal e patrioticamente na republicanisação do dis-*

trito, dando acima de tudo prestigio e força ás organisações republicanas.

Não recebi dêle nenhum favor pessoal. Nenhum lhe pedi tambem. A's vezes, mesmo, eram contrárias ás minhas opiniões, as decisões que tomáva. Por isso mesmo eu sou insuspeito para julgar da superior imparcialidade dos seus actos, inspirados sempre num alto sentimento de probidade administrativa, de rétidão e de justiça.

Mesquinhos espiritos de parlapatões politiqueiros, inchádos como um purulento borbulhaço, e que só sentem prazer e alivio quando despejam a materia avariada das suas almas de abcésso, teem tentado lançar sobre êle a acusação de aí ter feito uma politica sectarista de odios e de subôrnos.

Mas as provas? Nem uma! Nem uma apenas pódem apresentar os fajárdositos de arrafeirada fala, capazes só de combinátas indecorosas, de baixissimas traições, de tôrpes transigencias.

Repito, nada devo ao dr. Rodrigo Rodrigues senão uma deferencia pessoal sempre acentuáda e para mim muito grata. Nada lhe devo demais, nem mesmo o mais insignificante auxilio na minha eleição, como toda a gente aí sabe. Mas por isso mesmo a minha homenagem ás suas qualidades de homem publico e de magistrado, é incontestavelmente sincéra e justa.

Escuso-me de falar na sua acção dentro do govêrno civil do Porto onde conquistou intensas simpatías da democracia daquéla cidade, em cujo govêrno êle seguiu as mesmas pizadas de honestidade, de imparcialidade politica, de sério interesse pelos assuntos de fomento local e de elevada dedicação republicana.

A odienta prosápia de um charlatão politico, arremeçou-o para fóra dêsse govêrno civil depois de ter prestádo tantos serviços ao país, porque o dr. Rodrigo Rodrigues, verdadeiro republicano e verdadeiro democrata, não se prestou a vingar no povo do Porto a vaidade tôla de um simples chefe de facção politica.

A Republica prestou-lhe, contudo, merecida prova de apreço, colocando-o pela mão do ministro da justiça, na direcção da Penitenciaria de Lisboa como sucessor de Alfredo de Magalhães.

Ainda bem. Ainda bem, meu amigo, que se não consumou, graças ao senso de alguns, essa monstruosa ingratidão contra um homem tam ilustre.

E ainda bem que o meu amigo se lembrou de lhe mostrar mais uma vez quanto os republicanos de Aveiro lhe são reconhecidos pela benemerita obra que aí realisou como governador civil do distrito.

Termino, meu caro Arnaldo, esta carta, escrita de um folego, entre as discussões da camara, fazendo-lhe esta profecía: o dr. Rodrigo Rodrigues, se um vendaval de loucura criminosa não perder a Republica, ha de ser nêste pais um homem de elevado destaque. Porque o merece. Porque o vale.

Abraça-o o

seu muito amigo

Alberto Souto

Deputado por Aveiro

A' ULTIMA HORA

Sou o ultimo a chegar.

E se sou o derradeiro a responder ao convite do *Democrata* para colaborar no n.º de homenagem ao dr. Rodrigo Rodrigues, não o fiz voluntaria nem propositadamente—uma gráve operação numa pessoa de familia e muito querida, não permitiu que eu tomásse conhecimento dêle senão hoje. Mas, apezar disso, mesmo á hora do jornal estár prestes a entrar na maquina, eu não quero faltar. E' que, ao dr. Rodrigo Rodrigues, eu admiro e estimo sincéramente.

Conheço-o dêsde os bancos da Escola Politecnica do Porto e a lisura e inteirêza do seu caráter, a percéção fácil e pronta da sua béla cerebração, fizéram-me sempre admiral-o e respeitar o seu inteligente aprumo, a sua gráve e corréta compustura.

Em Aveiro, todos sábem o papel primacial que êle desempenhou na gráve conjuntura em que tomou conta do cargo de governador civil dêste distrito.

Democrata sincéro e de uma firmeza inquebrantavel de principios, atravessou os oito mezes que aqui esteve á frente do distrito, governando com raro tino, ouvindo indistintamente as reclamações de todos e guiando-se, sempre, nas suas deliberações, nos puros e perfeitos principios republicanos. Nunca ninguem o procurou para um acto de justiça e de bem comum que o não encontrásse pronto a atendel-o atencioso e solicito.

Os republicanos locaes com a sua entrada no governo civil de Aveiro encontraram uma solida garantia de que finalmente a opinião republicana sería respeitada e as coisas publicas seriam tratadas com circumspéção, acêrto e firmeza.

Nunca trepidou um momento, já nas palestras, já nos comicios, já nas gráves conjunturas que de momento surgiam. Tinha-se finalmente sentado nas cadeiras do governo civil um homem.

Por isso todos nós tivémos saudades ao vêl-o partir, mas, por outro lado, consoláva-nos a lembrança indefétivel de que, indo para outro ponto do país exercer qualquer cargo de confiança da Republica, esta teria sempre pronto a defendel-a um soldado firme e de animo sereno e o país um cidadão de recta consciencia com envergadura cerebral para altos cargos.

E' o que, á ultíma hora e sobre o joelho, póde dizer-lhe um obscuro admirador que não sabe lisongear.

Abilio Gonçalves Marques.

Medico

Da nossa justiça

Singélamente, sem pretenções a estilo nem a lisonja, a redacção do *Democrata* enfileira ao lado dos que neste momento, acedendo ao seu convite, presurosos concorrem com as suas homenagens, tanto de autorisadas como de insuspeitas, a vir dizer, com verdade, quanto vale o caráter impoluto e a elevação de espirito do cidadão ilustre, por todos os titulos, que superintendeu nêste distrito, como governador civil:—o dr. Rodrigo Rodrigues.

Fez ontem um ano que a pósse dêsse logar lhe fôra dada.

Foi tão viva no nosso espirito a impressão que então recebêmos, ao defrontarmo-nos com o honrado cidadão, que ainda hoje a conservâmos com a mesma intensidade.

Déssa impressão veiu a certeza de que aquêle homem, modesto, vivo, inteligente, era quem naquêle momento bem precisáva a Republica á frente dêste distrito, largos anos velho feudo na posse dum ganancioso sem escrupulos, nem merecimentos, rodeádo dum numeroso estado maior, constituido por gente de toda a especie, capaz de tudo—como dezenas de factos todos os dias o provâram.

Além disso acrescia ainda a gravidade do momento enegrecido com a expulsão imposta pelos elementos republicanos locaes a um inconsciente que o acaso ou um firme proposito, para aqui atirára—o famigerado *cirurgião dos hospitaes*, Weiss de Oliveira, o agente da *talassaría* indigena—a suprema autoridade do distrito a quem essa malta indigna lêra o celebre protésto a proposito das pseudo represalias contra o bandido Homem Christo, protésto que era a maior das infamias, cheio de ultrajosas ameaças ao partido republicano e que êle, ouvindo-o sorridente, atendeu, cedeu e mandou forças guardar a casa-mata da féra, que cuspia numa ancia de louco, os maiores ultrages sobre aquêles que arcávam com a direcção suprema dos destinos da Patria.

O que foi a acção governamental e republicana do dr. Rodrigo Rodrigues todos a conhecem desde o momento em que êle foi investido déssa espinhosa missão.

Diplomaticamente astucioso e apaziguadôr, a sua acção logo se fez sentir entre a familia republicana a quem a excessiva paixão duns, mal entendido doutros e supostos melindres ofendidos de alguns, a trazia dividida, com péssimo resultado para a coesão que nêsse momento, como hôje, tão indispensavel se torna.

Reconhecidos os seus valiosos merecimentos e considerada inutil qualquer tentativa que aberta e hostilmente fôsse feita ás instituições por êle representadas, os inimigos da Republica, a mesma gente que ameaçára o govêrno na pessoa do seu representante, anteriormente escorraçado, o já célebre Weiss de Oliveira—digâmo-lo sempre para edificação das gerações vindouras—essa mesma negregada gente aparecia fundando um centro com o falso rótulo de *Centro Nacional Democratico* e respétivo orgão na imprensa a que—ó irrisão das cousas!—chamáram *Justiça*!!!

O pus e o fél que escorrêram das suas colunas foi, porém, tão carateristico que logo a autoridade resolveu e o medico diagnosticou. O mal foi prontamente extinto. As ordens para o encerramento do infécioso *centro* e suspensão do imundo papel fôram dadas, e assim renasceu a tranquilidade pública, sériamente ameaçada com os manêjos e atitude da corja audaz e petulante que procurára o falso disfarce de democratas para melhor poder ferir de morte os defensôres da Republica.

Como a cidade recebeu tal determinação basta que recordêmos a imponencia e espontaneidade no aplauso tão vivamente demostrado na manifestação feita ao dr. Rodrigo Rodrigues por toda éla, póde assim dizer-se, que num impeto de solidariedade aplaudiu, entre vivas e palmas, o acto da nobre autoridade, e ainda o ovacionou com frenetico entusiasmo quando, agradecendo esse aplauso, o dr. Rodrigo Rodrigues declaráva, terminando a sua oração—*que não vaciláva um momento em mandar pôr além fronteira, aquêle que ousasse perturbar a paz e a tranquilidade pública combaten lo a Republica!*

Esta medida indispensavel e enérgica, trouxe, sem duvida, o socêgo ao seio da sociedade e desapareceu o risco iminente de sérios e grvàes conflitos.

Foi talvez por isso que nas colunas dum papel lisbonense, célebre pelas suas teorías como não menos célebre é o proprietario pelo seu *heroismo* e *desinteresse*, quando dos factos ocorridos no Porto com a presença dum ex-ministro, aparecia a seguinte heresía que imortalisou a mão que a traçou: *porque razão ainda está governando o distrito do Porto, o dr. Rodrigo Rodrigues* **que levou a desordem e o luto ao distrito de Aveiro?**

E é assim que estes historiadôres fazem a historia!!!

Razões imperiosas da sua vida particular obrigáram o dr. Rodrigo Rodrigues a abandonar a direcção suprema do distrito sem que se podésse tornar em realidade o seu vasto e democratico programa administrativo, no qual tinha quinhão importante e beneficente o proletariado e a indigencia.

E assim, o impoluto republicano abandonou a chefia do distrito, e tal foi a sua honrada administração que não passou desapercebido ao governo central que, apelando mais uma vez para o seu nunca desmentido patriotismo o encarregou do governo do distrito do Porto, onde, superior a todas as apreciações fez um brilhantissimo logar, atravessando horas dificeis que nunca o encontráram, quer de dia quer de noite, fóra do seu posto de honra e dever.

As suas medidas e providencias especialmente durante a tentativa de perturbação da ordem publica na cidade do Porto, aviso prévio para a incursão do bando sob as ordens de Paiva Couceiro, mereceram-lhe justas palavras de agrandecimento e de gratidão por parte do governo e do país inteiro, que conságra o nome do dr. Rodrigues como o de um verdadeiro e lealissimo patriota.

Questões de melindre pessoal e ainda a injustiça com que fôra apreciado o seu aliás regular e alevantado procedimento, quando da visita do ex-ministro do interior do governo provisorio áquela cidade, resolveu-o decididamente a abandonar o logar, que tão digna e acertádamente ocupára e assim deixou-o, sendo então nomeado director da Penitenciaria de Lisboa, logar que atualmente ocupa, com o brilhantismo com que sempre desempenhou as suas funções.

O Democrata, admirador, embora humilde, das grandes e nobilissimas qualidades de espirito e caráter que concorrem na pessoa do dr. Rodrigo José Rodrigues, presta esta simples e insignificante homenagem de respeito e de admiração a quem deixou na sua passagem por este distrito, o rasto luminoso e imorredouro da sua honrada administração politica e financeira.

Por isso fazemos votos pelas venturas e prosperidades do seu lar—altar que se defronta com outro erguido no peito do dr. Rodrigues—a Patria—enviando ao funcionário, digno e honesto, a nossa democratica saudação:—**Saude e Fraternidade.**

* * *

ALGUMAS NOTAS BIOGRÁFICAS

O sr. dr. Rodrigo José Rodrigues, filho de Daniel José Rodrigues, é natural de Celorico de Basto.

Nascido em meio modésto, no coração do Minho, estudou o curso dos liceus num colégio de padres de Lamego e mais tarde no Porto onde ainda cursou a Academia Politecnica.

Tendo perdido o pae muito cêdo, viveu algum tempo com sua mãe e irmão, em Coimbra, visto como eram forçados a grandes economias.

De Coimbra foi para Lisboa, tendo passado pela Academia Politécnica do Porto onde tirou as cadeiras que necessitáva e aí deixou um bom nome.

Em Lisboa tornou-se muito conhecido tanto no meio academico, como, mais especialmente, na Escola Medica onde era considerádo pelos professores e pelos condiscipulos um dos mais distintos, se não o mais inteligente aluno do seu curso. Por falta de recursos, porém, o dr. Rodrigo Rodrigues, viu-se forçado a assentar praça como sapirante a facultativo do Ultramar, para onde após a terminação da sua formatura partiu, demorando-se alguns mezes em Cabo Verde e seguindo depois para a India, sempre consideradissimo pelas pessoas mais em evidencia, moral e intelectualmente, e como profissional.

Dádas as melhores informações a seu respeito como possuidor de um lidimo caráter e atentas as elevadissimas classificações que Rodrigo Rodrigues tinha obtido no curso de medicina tropical, foi nomeado professor da Escola Medica de Gôa, por distinção, o que lhe valeu o ensejo de desempenhar as mais honrosas missões compativeis com o seu crédo republicano e os seus devêres de funcionario publico.

Póde-se dizer, sem receio de exagerar nem de ser desmentido, que fez uma verdadeira revolução tanto no meio escolar como no meio social hospitalar. A êle e só a êle se deve a montagem de um gabinête de bateriologia e vacinico, que dirigiu com a maxima proficiencia emquanto se demorou por essas paragens.

Forçádo a deixar a India por motivos de saude, quiz o acaso—e feliz acaso foi esse—que o dr. Rodrigo Rodrigues chegásse á metropole quando já era realidade o seu e nosso ideal ha tanto tempo desejádo—a implantação da Republica.

Como e porque êle foi governador civil do distrito de Aveiro, atraz o deixâmos exarádo faltando-nos só acrescentar que isso se déve, talvez em grande parte, ao seu e nosso bom amigo, dr. Manuel Rodrigues da Cruz, medico como êle e como êle tambem um homem de caráter, nascido no nosso distrito.

E para terminar acressentarêmos só mais isto:—o dr. Rodrigo Rodrigues é uma creança, pois só conta 33 anos de idade, tendo concluido o curso aos 23, laureádo com as maiores distinções que se pódem obter e de que se deve orgulhar como nós nos orgulhâmos de o termos tido por governador civil.

A Redacção

FRENTE A FRENTE

Na Assembleia Geral de acionistas do Teatro Aveirense—Republicanos e "talassas,,—Prepotencias de um presidente "suigeneris,,—Uma questão de moralidade—"Mijaretas,, em debandada—Aclamação de outra meza—Paz e eleição

Na sala de suas sessões, efétuou-se, no domingo passado, a reunião ordinaria da Assembleia Geral de acionistas do Teatro Aveirense, conforme os termos de uma convocação de 8 do corrente e em harmonia com a lei da sociedade.

O que foi essa sessão, o que éla nos deixou vêr, através da pessoa do individuo que a presidiu, é que a *talassaría* da terra se agarrou de unhas e dentes ao Teatro e não o quer deixar, ainda que para isso tenha de empregar as maiores violencias e tripodiar sobre a lei e sobre a maioria dos acionistas. Da Penitenciária de Coimbra viéram ordens terminantes para que se obstasse, por todas as fórmas e feitíos, a que os republicanos entrássem legalmente na administração de aquéla casa, e a *carneirada* obedeceu cégamente, julgando por um momento que lhe deixariamos o campo e não defenderiamos com denodo os nossos direitos, a lei e os interesses da sociedade, de onde acabam de ser expulsos pelo voto legal de uma maioria esmagadora, aquêles que só teem prejudicado o Teatro e buscavam o seu completo desmoronamento e ruina.

Ingénuos!

O partido republicano que néssa lucta triunfou, e ha-de triunfar até final, não tem desanimos, nem tergiversações e êle e só êle se manteve dentro da legalidade, o que se demonstrará para onde quer que seja que nos levem.

Mas vamos ao caso:

Nada havia de mais regular e legal do que a Assembleia Geral eleger no domingo todos os corpos gerentes da sociedade, pois para isso fôra expressamente convocada.

O sr. Alberto Catalá, porém, que, logo de entrada e sem rebuço, declára á Assembleia, como presidente da mêsa na ausencia do sr. F. Regala, não poder ser lida e discutida a acta da sessão anterior, e que devia estar lavrada desde tantos de abril de 1911, diz tambem e terminantemente que néssa reunião só se procederá á eleição da mêsa da Assembleia Geral! Lendo e mastigando mal o artigo 31 dos estatutos, intenta o presidente *sui generis* provar que a lei e a sua consciencia não permitem se não aquéla eleição! Compreendeu-se-lhe logo a artimanha e proposito e, revelada essa intenção, imediatamente péde a palavra o nosso correligionario, sr. dr. André dos Reis, que começa por dizer, que considéra ilegal, despótica, a *ordem* da presidencia determinando que, naquêle dia, se proceda tão sómente á eleição da mêsa da Assembleia Geral. Despótica porque a presidencia pretende sobrepôr-se á lei e á vontade soberana da maioria da assembleia; ilegal porque os artigos 24, 30 e 31 dos estatutos não obstam de fórma alguma, a que se proceda, simultania ou sucessivamente, á eleição dos tres corpos gerentes, da Sociedade: mêsa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal.

Onde, nêstes ou em outros artigos da lei estatuária, se encontram principios proibitívos da eleição da Direcção e do Conselho Fiscal?—pergunta.

O art.º 31 marca efétivamente dia, na sua primeira parte, para a eleição da Meza da Assembleia Geral; quanto ao da eleição da Direcção e Conselho Fiscal não o designa, limitando-se apenas a indicar o *ano* em que dêva ser feita. E, assim, tanto póde a eleição ser feita na primeira como na segunda reunião, conjuntamente com a eleição da Meza da Assembleia Geral ou em outro domingo. Não se poderá eleger a Meza da Assembleia Geral depois de estárem eleitas. Direcção e Conselho Fiscal. Simultaneamente, porém, acaso, em bôa verdade e logica, ha lei que o véde? Em mão tem o aviso impresso assinado pelo sr. secretário, Luís da Naia e Silva, no qual se diz que em *harmonia com os estatutos* se convóca a Assembleia Geral *para hoje se proceder á eleição da Meza da Assembleia Geral para o corrente ano e da Direcção e Conselho Fiscal que hão-de funcionar durante o biénio de 1912 e 1913* e bem assim apresentação do relatorio e contas da Direcção cessante.

Este aviso foi publicádo nos jornaes da cidade e porque o sr. presidente da Meza da Assembleia Geral ou seu substituto legal, porque aquêle estava ausente ao tempo da publicação, nada reclamaram, deve êle orador presumir fortemente que o sr. secretário Naia e Silva, aqui presente, assinou o aviso convocatório depois de préviamente autorisado por quem de direito.

Mas, para encurtar rasões e porque á Assembleia Geral é que cumpre interpretrar as disposições da lei estatuária, nada tendo para o caso a consciencia do presidente, mandáva para a Meza a seguinte proposta:

Proponho que, nos termos da convocatória de 8 do corrente, se proceda hoje á eleição de todos os corpos gerentes désta sociedade—Meza da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal, e requeiro que esta proposta se consigne na acta da presente sessão e seja submetida á discussão e votação da Assembleia Geral.

Lida na meza a proposta, a maioria da assembleia aclama-a com entusiasmo e ao proponente.

Contrariádo, visivelmente contrariádo, o cidadão Alberto Antonio Mariano Miguel ou Alberto Catalá, o mesmo que se propunha passar por subdito hespanhol quando foi preso por conspirador, põe a proposta em discussão. Logo se inscreve contra éla o acionista Joaquim Soares, sócio da empreza teatral Soares & C.ª e amigo diléto de vários conspirantes locais. Os seus argumentos, que o nosso correligionario dr. André dos Reis refuta e destróe na devida altura, tendem a provar a ilegalidade de qualquer eleição, que se faça, da Direcção e Conselho Fiscal.

Vê-se bem, por este porta-voz da *talassaría* aveirense, quanto a esta lhe custa ter de abandonar o o teatro, seu ultimo reduto e onde durante dezasseis anos, têm cometido as maiores irregularidades, irregularidades essas que, dentr em pouco tempo, hão de ser

postas a claro e em publico, para que todos saibam quanto de ruinosa, perdulária e até criminosa tem sido essa administração que cessou e vai ser entregue ao partido republicano local, que ha-de levantar a sociedade á altura a que tem direito. Joaquim Soares e seus amigos sentem-se numa situação desesperada. Votar a proposta é aniquila-los, porque conhecem bem que a maioria da Assembleia está ao lado do dr. André dos Reis, que defende a lei em toda a sua purêsa, sem chicanas, lialmente e sem rabulices. Alberto Catalá, com um sorriso escarnicadôr, que revolta e irrita, declara terminantemente que se procederá sómente á eleição da Mêsa da Assembleia Geral.

Tomando a palavra, os srs. Francisco Meireles, Alfredo Lima e Castro, Francisco Ferreira da Encarnação, Firmino de Vilhena, Silverio de Magalhães, Pompilio Ratola, Antonio Maximo e José de Pinho defendem a proposta e conjuntamente com o proponente requerem a votação da mesma, visto não estar mais ninguem inscrito para discuti-la.

O sr. presidente novamente se néga da maneira mais categórica a não pôr á votação a proposta do dr. André dos Reis, o que dá logar a ruidosos protestos da maioria da assembleia, que, energicamente, mas sem violencias, reclama em voz alta que sejam respeitadas as suas deliberações.

A presidencia, porém, recusa, recusa sempre, para não alterar o recado recebido da Penitenciaria, só abandonando o campo acompanhada da *talassaria*, com Christos á mistura, quando viu que a maioria da assembleia permanecia firme na defêsa dos seus direitos.

E foi assim que, voluntariamente, deixou os seus logares.

Dando-se uma hipótese prevista na lei, e porque nenhum dos maiores ou dos mais velhos acionistas presentes, em igualdade de circumstancias, quizesse aceitar o cargo, o acionista Antonio Maximo propõe á assembleia nova meza. E' então aclamado, por unanimidade, para a presidencia, o acionista dr. André dos Reis e para secretarios, os srs. Alfredo Ozorio e Antonio Maximo. A assembleia propõe mais para escrutinadores os srs. Arnaldo Ribeiro e Eugenio Ferreira da Costa.

O novo presidente declára que em obediencia á lei estatuária e nos termos da convocatória de 8 de janeiro corente vai proceder-se á eleição de todos os corpos gerentes da sociedade.

As palavras da presidencia são recebidas com vivas aclamações á Republica, e á Lei estatuária.

A eleição decorre, depois, serenamente, sem perturbações, com a maior regularidade, entrando em cada uma das três urnas 84 listas.

A's 18 horas suspendiam-se os trabalhos eleitorais, que se recomeçáram no dia seguinte, tendo ficado as urnas guardadas por uma força de infanteria 24, durante a noite.

Do escrutinio e apuramento final verificou-se que tinham sido votados e eleitos para a Meza da Assembleia Geral dr. André dos Reis, presidente, com 81 votos; José da Fonseca Prat, vice-presidente, com 81 votos e para secretarios Viriato Fernando Marques e Silva e João Pereira Campos, com 81 votos. Para a Direcção: Manuel Marques da Cunha e Antonio Augusto da Silva, com 82 votos cada um; Manuel Lopes da Silva Guimarães, João Augusto da Silva Rosa e Antonio Henriques Maximo Junior, com 83 votos cada um; Julio homem Cristo e José Marques Soares, com 81 votos.

Para o Conselho Fiscal, como vogais efectivos: Francisco Antonio Meireles, com 80; Manuel Barreiros de Macêdo e Alfredo Ozorio, com 81 votos cada um e para vogais substitutos: Bernardo de Souza Torres, Eugenio Ferreira da Costa e Domingos Martins Vilaça, com 81 votos.

Eis tudo. A' *talassaria* indigena foi-se-lhe o ultimo reduto, mesmo porque era necessario, era urgente, que na administração do teatro entrásse a moralidade, garantindo aos acionistas o valor das suas acções. Custou. Foi preciso o dispendio de muito trabalho para pôr fóra de ali os autóres da ruina daquela casa, que só sabiam gosar, de camarote e á *bórla*, os espétaculos que por acaso alguma companhia cá vinha dar, sem se importarem, sequer ao menos, com a conservação do existente, tal o desleixo e o abandôno em que tudo se encontra.

Béla obra de saneamento, foi, pois, a que acabam os republicanos de efectuar, sacundindo da administração do teatro quem tão exuberantes provas désse de incapacidade, inépcia e falta de tino administrativo.

Em que ficâmos?

Continúa sem solução o caso que aqui têmos tratado relativo á substituição do nosso velho correligionario e amigo, dr. André dos Reis, pelo clinico, dr. Pereira da Cruz, na *Comissão Concelhia Administrativa dos Bens Eclesiasticos*, que em virtude disso ainda não tomou nem tomará posse emquanto a *Comissão Central* se não resolver a atender o seu protesto.

Pela parte que diz respeito á intervenção do sr. dr. Pereira da Cruz no assunto, sômos informados de que este cavalheiro depôs imediatamente e por meio de oficio, o seu mandato nas mãos do digno administrador do concelho, alegando que só aceitaria o cargo de vogal auxiliar, como foi proposto, e ao deputado Barbosa de Magalhães comunicou, mesmo por os seus multiplos afazeres lhe não permitirem outra coisa no momento atual.

Esta declaração, que nos aprás registar por devêr de lealdade, traz-nos, no entanto, ainda mais o convencimento de que ao sr. Barbosa de Magalhães se deve toda esta trapalhada e não a nenhum dos membros da Comissão Central, que sabiam tanto quem eram os individuos indicados pelo sr. administrador do concelho de Aveiro, como nós sabêmos do que se passa a esta hora em Roma.

O sr. Barbosa de Magalhães cometeu, pois, um acto que não só feriu os republicanos de Aveiro, o dr. André dos Reis e o sr. administrador do concelho, como ainda veio dificultar o andamento dos trabalhos respeitantes á execussão da lei da Separação, paralisando-os.

E' isto admissivel? Póde tolerar-se? Havêmos de concordar que não.

Nêste regimen, sr. Barbosa de Magalhães, tolerar essa politica, que imortalisou o Conde de Agueda, em Aveiro; Egas Moniz, em Estarreja; Vaz Ferreira, na Feira e tantos outros pelo país fóra, seria a suprema ignominia, a maior das incoerencias.

Faça-se politica, mas politica que não afronte. E posto isto, o que resolve agora a Comissão Central? Em que ficâmos?

* * *

O *Campeão das Provincias*, ante-ontem saido, traz umas cartas que o sr. Barbosa de Magalhães ali fez publicar, pelas quaes pretende demonstrar que não têve interferencia alguma nas modificações introduzidas pela *Comissão Central da Execução da Lei da Separação*, em face da proposta do administrador do concelho.

E' mais uma habilidade do sr. Barbosa de Magalhães, mas não péga, sentimos dizer-lhe. O sr. dr. Barbosa de Magalhães foi quem pediu ao sr. Beja da Silva para o nome do sr. Pereira da Cruz ser incluido na lista dos propostos; o sr. Barbosa de Magalhães foi quem se empenhou, junto da Comissão Central, por que o nome dêsse clinico, que é seu tio, viésse na lista da comissão concelhia, e por tanto, tacitamente, está demonstrádo que a insinuação existe ainda que tenhâmos de admitir a hipótese de que não pediu nem o indicou para a presidencia.

O sr. Barbosa de Magalhães não tem desculpa. Quizésse o sr. Beja da Silva falar e veriâmos quem é o unico responsavel, o **unico**, note-se bem, por a alteração, que consistiu em ser pôsto de parte um velho e dedicado republicano para dar logar a um individuo que só o é depois do 5 de Outubro, que, como o primeiro, não é advogado e cujo nome havia sido acressentádo á lista dos escolhidos para auxiliares da comissão. Pois não é isto verdade, sr. Barbosa de Magalhães? E não é verdade o sr. Beja da Silva lhe ter feito vêr, numa carta que lhe escreveu, que o sr. Pereira da Cruz, sobrecarregado com serviço, não poderia tomar parte nos trabalhos da comissão?

Para que insistiu que êle fôsse indicado? Qual era o seu fim? Diga, diga, mas sincéramente, tão sincéramente como nós aqui têmos pugnado pelo engrandecimento da Patria pela Republica, despresando todos os interesses, os interesses, o bem estar e o socêgo da familia.

Não sômos de chicanas. E porque a nossa norma de proceder foi sempre a mais correta, eis o motivo porque têmos tratado dêste estranho caso da maneira que se tem visto, embora ao sr. Barbosa de Magalhães alguma consideração e amizade pessoal nos ligue desde creança.

Mas tudo, tudo sacrificarêmos pela verdade, defendendo ao mesmo tempo os nossos correligionarios das afrontas de que porventura sejam ou possam vir a ser vitimas, venham élas donde viéreu.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JANEIRO

DIAS	PHARMACIAS
28	BRITO

Lisboa—Encontra-se á venda o *Democrata* nos seguintes locaes: *Tabacaria Monaco*, Rocio; *Kiosque Elegante*, idem; *Tabacaria Ingleza*, Praça do Duque da Terceira, 18; *Tabacaria Godinho*, Calçada da Estrella, 25-B; casa de *João Teixeira Frazão*, R. do Amparo, 52; casa de *Manuel Gomes Geraldo*, Caiçada da Estrella, 111.